

COMUNICAÇÃO / *PAPER*

A cerâmica islâmica do Museu Municipal de Évora

Vanessa Filipe<sup>1</sup>

A intervenção arqueológica desenvolvida na área do Museu Municipal de Évora pela empresa de arqueologia Arkhaios – Profissionais de Arqueologia e Paisagem em colaboração com Theodor Haushild e Félix Teichner revelou importantes dados sobre as civilizações que se instalaram no Centro Histórico de Évora.

Indissociável da sua localização central, o espaço ocupado pelo museu demonstra uma continuidade ocupacional após a conquista muçulmana da cidade.

A análise das fontes documentais indiciam uma sobriedade informativa para os primeiros dois séculos de ocupação islâmica na urbe eborense sugerindo uma certa decadência em termos de poder. Em contraponto, a cidade de Beja mantém a sua preponderância política, económica e social desde a Antiguidade Tardia, sendo disso reflexo a sua nomeação como sede de *Kūra*, centro de decisão regional em época muçulmana. Relações de hierarquia e domínio sobre cidades secundárias suas dependentes, na qual se inclui Évora, motivaram a sua primazia enquanto pólo dinamizador das redes sociais e comerciais.

Todavia, seguindo como denominador comum os acontecimentos em Beja, podemos colocar hipóteses sobre a realidade eborense. As fontes documentais ao primarem pela ausência informativa em relação a Évora poderão evidenciar um território cujas convulsões político-sociais foram visualizadas de longe sem se repercutirem no espaço eborense, podendo admitir também a existência de uma população heterogénea relativamente autónoma e proprietária dos seus meios de produção que não terá deixado ao abandono a estrutura urbana que serviria para sua própria protecção e dos seus bens.

A observação histórica das informações e elementos revelados no episódio do ataque de Ordonho II à cidade, caracteriza as realidades políticas e sociais da civilização islâmica peninsular no século X e numa acepção particular, aborda a decadência do espaço eborense.

Sucedâneo de tal acontecimento no ano de 913 e em associação com uma conjuntura geopolítica a cidade de Évora foi beneficiada, colocando-a sob a alçada de Badajoz. Estrategicamente localizado na rede viária e topograficamente dominante face ao território envolvente, o centro eborense era um importante ponto de apoio militar para a cidade de Badajoz.

Posteriormente, Évora cujas afinidades e ligações sociopolíticas mantinha com a urbe de Badajoz desde o século X, tornou-se a segunda cidade mais importante do reino taifa de Badajoz. O florescer económico de Évora prende-se com a sua localização geográfica, preeminente para os objectivos comerciais, militares e políticos de Badajoz. Nesta base de entendimento, o território de Évora, posiciona-se como o ponto central da via comercial mais importante para o reino aftácida em direcção às suas duas cidades portuárias: Lisboa e Alcácer do Sal. O interesse comercial pelos portos litorais, excedentários em riquezas alimentares e

---

<sup>1</sup> Arqueóloga

importantes para o domínio marítimo e económico das grandes rotas mercantis, provoca a atracção pelo percurso económico este-oeste, revelando-se este quadro essencial para o desenrolar da história de Évora neste período.

As lutas entre os dois irmãos, *al-Mansûr* e *–Mutawakkil*, pelo reino de Badajoz, conduziu a uma nova etapa na história de Évora. Pensamos que a cidade tende a individualizar-se como espaço político autónomo, durante cerca de três ou quatro anos, duração do reinado de *al-Mansûr* em Badajoz, pois existe cunhagem de moedas em nome de *al–Mutawakkil* e um esplendor cultural confirmado por uma corte onde poetas, músicos e artistas deliciavam o seu senhor. O poeta mais prestigiado e querido por *al-Mutawakkil* foi *Ibn Abdun*, reconhecido pela sua invulgar capacidade de memória e domínio de lexicografia. Ocupou o cargo de secretário (*kātib*) e de ministro (*vizir*) durante o reinado do último monarca aftácida, *al-Mutawakkil*.

Nos finais do século XII a cidade foi governada por *Ibn Wazîr*, convertendo-se num centro de poder a uma escala regional, polarizando sob seu domínio uma série de urbes importantes. O seu estabelecimento como capital de um reino pós-almorávida também se poderá prender com uma continuidade governativa de *Ibn Wazîr*, que com a sua família, rede de clientela e seguidores consegue manter Évora como um reduto militar que vigia as transacções económicas efectuadas nesse corredor comercial.

Em 1165, Geraldo Sem Pavor conquista a cidade de Évora, inserindo-se a urbe alentejana num plano táctico de ocupação sucessiva dos pontos de apoio militar que rodeavam Badajoz. E em 1166, a “*nobre e leal cidade de Évora*” encontra-se sob a soberania cristã do rei D. Afonso Henriques.

A fim de tornar mais inteligível a leitura histórico-arqueológica do compósito espacial que define Évora como cidade islâmica apresentaremos um modelo interpretativo sobre o processo evolutivo do urbanismo eborense no qual destacaremos o desenvolvimento urbano ocorrido no espaço que conforma o Museu Municipal de Évora (em associação permanente com os vestígios materiais). Neste sentido estabeleceram-se duas fases em apreciação: a primeira compreende o período formativo de uma realidade urbana islâmica marcada por fenómenos de assimilação e simbiose (711-913) e a segunda contextualiza as progressivas transformações urbanas iniciadas a partir de um acontecimento marcante, o ataque de Ordonho II, até à conquista cristã da cidade (914-1165).

A análise do espólio cerâmico, concretamente da sua evolução formal, variedade decorativa e tecnológica clarificará num primeiro momento os fenómenos de continuidade e transformação operados na transição entre o mundo visigodo e o muçulmano. Também terá como objectivo uma aproximação social demonstrando os processos de aculturação da população eborense face a uma nova realidade política e religiosa.

O estudo do material cerâmico exumado pretende não só caracterizar a ocupação humana neste espaço e as actividades aí desenvolvidas, como também num âmbito geral os testemunhos arqueológicos abordam questões comerciais e económicas além de definirem gostos estéticos associados a uma identidade sócio-cultural.

De uma forma geral, pretende-se com esta comunicação um alargar dos conhecimentos sobre o legado islâmico em Évora, algo pouco aprofundado até ao momento, procedendo a uma leitura diacrónica sobre os vestígios materiais islâmicos, concretamente desde o século VIII a meados do século XII, em conjugação com os testemunhos arquitectónicos, levantando problemáticas e esclarecendo algumas questões de cariz económico, social, cultural, urbano e quotidiano.